

6

Considerações Finais

Mais do que concluir teceremos aqui algumas considerações a respeito de tudo que foi dito. Qual o valor da leitura que empreendemos da psicanálise à luz da teoria dos atos de fala de Austin? Longe de tentar estabelecer alguma verdade a leitura que aqui desenvolvemos terá sido válida se tiver sido capaz de despertar interesse e provocar novas questões, não só em mim, mas também nos leitores. De nossa parte, foi o que aconteceu. A partir do aprofundamento teórico que se fez necessário tanto nos estudos da linguagem quanto na psicanálise, novos horizontes de investigação se abriram, despertando assim o desejo de prosseguir rumo a projetos futuros.

A nosso ver, a obra freudiana se aproxima da pragmática por diferentes vias. Apontaremos aqui algumas delas: o uso que Freud faz da linguagem cotidiana como ponto de partida de suas investigações; o fato de todas suas teorizações acerca do psiquismo partirem de sua prática clínica e não serem frutos apenas de especulações teóricas; a ênfase ao dado sentido como marca do psiquismo, mas um sentido sempre entendido como dinâmico, submetido ao papel desempenhado pelas palavras na sua produção – onde melhor se localiza a dimensão de mudança necessária à clínica.

É por tudo isso que pensar a fala envolvida na psicanálise articulando-a à teoria austiniana nos ajuda a esclarecer o que se passa na clínica. Pelo ponto de vista da fala do analisando essa articulação nos ajuda a entender que na associação livre não há uma alteração interna do sujeito que se submete a ela, de modo que a partir daí ele passa “entender melhor” as coisas; o que muda é o contexto e como efeito desta mudança outras poderão advir, provocando mudanças subjetivas significativas. No caso da interpretação de sonhos, por exemplo, a técnica da associação livre faz o sonho aparecer no discurso comum, cotidiano, ou seja, o faz aparecer em um outro contexto, permitindo a atribuição de um sentido a ele.

Já analisando a fala do analista no momento da interpretação, essa articulação nos ajuda a entender que a interpretação não é previamente fabricada e aplicada ao analisando, mas que se produz no jogo estabelecido entre os dois sujeitos envolvidos (falante e ouvinte) onde os dois têm participação ativa. A interpretação, como todo ato de fala, é capaz de produzir transformações na

relação que se estabelece na clínica. Os sujeitos envolvidos são os mesmos, mas sempre assumindo diferentes papéis no campo transferencial. Um belo exemplo fornecido por Deleuze (1995) vale a pena ser contado: num seqüestro de avião, a transformação dos passageiros em reféns e do avião em prisão é uma transformação incorpórea fruto da relação instantânea dos enunciados performativos com as transformações que produzem. São transformações deste tipo que acreditamos permear a clínica psicanalítica, transformações essas que muitas vezes vêm a contribuir com o objetivo do tratamento.

Tentamos mostrar durante o texto que a concepção da fala enquanto ato, projeto de Austin, representa um rompimento com a teoria clássica calcada no significado. O que não significa, evidentemente, um abandono do significado, mas uma mudança de perspectiva em relação a ele: o significado deve ser considerado a partir da dimensão de ato inerente à fala. Na clínica psicanalítica encontramos um reduto onde se pode perceber na prática e de forma clara esta característica da linguagem humana: nela a fala assume todo seu poder de ato, sendo este o modo pelo qual as mudanças se produzem. O significado (ou sentido) do que é dito neste contexto deve ser avaliado a partir de sua dimensão de ato.

São essas algumas questões que abordamos ao longo do texto e que nos moveram durante a confecção desta dissertação. No entanto, muitas outras se abriram, de forma semelhante ao que acontece na clínica a partir do trabalho de interpretação.

O gosto pela produção acadêmica foi despertado, restando uma vontade de continuar.